

Diane PECORARI. *Teaching to Avoid Plagiarism. How to Promote Good Source Use*,  
Berkshire, England: Open University Press. McGraw-Hill Education, 2013, xiii + 192 pp.  
ISBN 13: 978-0-33-524593-2 (pb)  
ISBN 10: 0-33-524593-5 (pb)  
eISBN: 978-0-33-524594-9

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto  
mgraca@letras.up.pt  
*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*  
*Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

O plágio, na sua aceção mais comum e não na que é exemplarmente desenvolvida e problematizada por Pennycook (1996) quando oferece uma aproximação ao texto apelando para a propriedade, a autoria, a cultura, a memória, a aprendizagem, as tecnologias e advertindo também para uma posição crítica e flexível face ao que pode ser ou não rejeitado no caso dos empréstimos textuais, pode evocar experiências menos agradáveis vividas por alguns académicos, enquanto docentes universitários, quando se viram confrontados com tal fenómeno. Será porventura essa vivência desconfortável que motiva em muitos destes profissionais o interesse pelo que se tem escrito em torno do plágio e pelo modo como se utilizam programas informáticos passíveis de o detetar para, dessa forma, poderem ficar mais bem informados e aprender a lidar com esse tipo de ocorrência a todos os títulos penalizadora.

Saber como controlar uma situação de plágio significa, antes de mais nada, tomar medidas para o evitar, ensinando quer os estudantes a usarem devidamente as fontes – sempre indispensáveis num trabalho académico por constituírem, tirando partido da terminologia de Skelton (1997), a sua “contextualized truth”, que sustentará a “interpreted truth”, apoiada na “evidential truth” se o estudo contiver uma parte prática –, quer os

professores a verem nesse ato transgressivo uma oportunidade pedagógica, sobretudo em fases iniciais dos trabalhos, à semelhança do que Howard (1995) reclama para o “patchwriting”, que não deveria em seu entender ser considerado uma questão de cariz simplesmente jurídico sujeita a todas as diligências processuais próprias.

Diane Pecorari, Professora de Linguística Inglesa na Universidade Linnaeus na Suécia, com interesses em linguística educacional, em inglês para fins académicos e específicos e na escrita em línguas segundas, autora de textos do maior relevo relacionados com plágio, “patchwriting”, citações e uso de fontes, nomeadamente na escrita académica em línguas segundas, (ver, entre outros, Pecorari 2003, 2006, 2008), publica em 2013 a obra em análise, intitulada *Teaching to Avoid Plagiarism. How to Promote Good Source Use*, na Open University Press, McGraw–Hill Education. Trata-se de um livro não só com um título apelativo, na medida em que o subtítulo comporta já a pista primordial para combater o plágio, ou seja, o bom uso das fontes, mas também com um conteúdo que capacita o leitor, na qualidade de estudante, de docente ou de qualquer outra pessoa nele envolvida, a olhar para esta modalidade de escrita numa ótica mais promissora, ou seja, mais pedagógica, menos judicial, sugerindo possíveis caminhos para o afastamento de qualquer intertextualidade transgressiva (Chandrasoma, Thompson & Pennycook 2004).

*Teaching to Avoid Plagiarism. How to Promote Good Source Use* começa com quatro textos de elogio à obra (“Praise for this book” – pp. v-vi) a preceder a dedicatória (p. vii), a secção “Contents” (pp. ix-xii) e a secção “Acknowledgements” (p. xiii), que ocorrem antes do conteúdo da obra propriamente dita. A secção “Acknowledgements”, ao invés do usual, inclui uma frase que condensa a mensagem contida no livro e transmite igualmente a faceta docente da autora, a saber: “Avoiding plagiarism is part of learning to write effectively from sources, and that in turn is part of the larger question of language learning, particularly within the university context” (p. xiii). A “Introduction” (pp. 1-3) giza o alinhamento do livro e apresenta o objetivo do mesmo, ou seja, fazer com que os universitários compreendam melhor o plágio para poderem operar no terreno com mais confiança. O livro divide-se em três partes seguidas de três apêndices: 1) “Appendix A. Training teachers in a good source-use pedagogy” (pp. 157-

159), que se subdivide em três partes com vista a organizar uma possível oficina pedagógica à volta do plágio e de como debelá-lo por intermédio de um uso correto das fontes; 2) “Appendix B. Case studies” (pp. 160-176), que é ilustrado com seis casos que ajudarão a melhor compreender os conteúdos dos diversos capítulos da publicação; 3) “Appendix C. Sources of examples” (pp.177-180), que engloba as fontes dos exemplos usados à exceção de produções escritas de estudantes que participaram na investigação conduzida por Diane Pecorari e que aceitaram a sua divulgação sob anonimato. Após os apêndices mencionados, constam na obra uma secção destinada a “Notes” (p. 181), a “Bibliography” (pp. 182-188), com um número muito substantivo de referências, e, por fim, o “Subject Index” (pp. 189-190) e o “Author Index” (pp. 191-192).

No atinente ao conteúdo das três partes do livro, redigido de forma a interligar os 10 capítulos que as compõem, chegada é a altura de as anunciar com o rigor que merecem, uma vez que nelas se encontra o cerne da temática da obra, bem assinalado desde logo no título.

A “Part One. Understanding plagiarism” (pp. 5-55) incorpora três capítulos que, seguindo o figurino dos demais consignados no livro, exibem, após o respetivo título, as palavras-chave achadas significativas, três das quais comuns a todos: “Summary”, a primeira, que dá o nome à secção de entrada e que acaba sempre com uma nota de otimismo acerca da futura atuação do leitor depois de ter chegado ao fim de cada capítulo, e “Activity” e “Questions for reflection or discussion”, penúltima e última palavras-chave, que provam bem a propensão pedagógica de Diane Pecorari, posto que nomeiam duas secções destinadas a testar a capacidade de pró-atividade e de questionamento do leitor em redor dos conteúdos expostos.

O primeiro capítulo da “Part One” intitula-se “What is plagiarism?” (pp. 7-26) e nele é desenvolvido o conceito de plágio, definido com base em quatro critérios (relação de similaridade entre dois textos; dependência de um texto ponto de chegada de outro texto que serviu de ponto de partida; não adequação da relação intertextual; intencionalidade), é usado o termo plágio textual (“textual plagiarism”) para indicar a escrita que reúne os três primeiros critérios, coincidindo com “patchwriting”, e o termo plágio prototípico (“prototypical plagiarism”) quando estão reunidos os quatro critérios apontados. A autora levanta a problemática inerente ao

estabelecimento dos critérios enumerados e à deteção do plágio, lembrando a necessidade de encontrar uma resposta pedagógica e não unicamente punitiva para esta atuação.

No capítulo 2, “Why does plagiarism happen?” (pp. 27-42), questiona-se o que leva os estudantes a usarem o plágio com o fim de enganarem, alude-se às fontes obtidas na Internet e, de modo pertinente, menciona-se o interesse de recorrer a estratégias que passem pela leitura, pela escrita e pelo estudo ajustados a fim de fugir a este tipo de escrita transgressiva. No que respeita ao “patchwriting”, a seguinte frase é categórica: “Responding to patchwriting is thus a matter for pedagogy” (p. 41).

“How do we manage plagiarism?” (pp. 43-55), o terceiro capítulo da “Part One”, é consagrado ao papel das instituições universitárias na deteção do plágio através de instrumentos concebidos para o efeito e ao envolvimento humano que representa. Ensinar e aprender em vez de detetar e punir é a lição que se retira deste capítulo.

A “Part Two: Managing plagiarism” (pp. 57-102) contém 3 capítulos. O capítulo 4, “What do writers need to know to avoid plagiarism?” (pp. 59-74), dá um enfoque especial às fontes, que espelham o que o autor filtra do que já existe acerca dos tópicos a serem tratados, e ao modo como devem ser usadas nos trabalhos académicos. A este propósito, escreve a autora: “Thus academic writing is ‘multi-voiced’ – the voice of the writer is joined by the voices of the authors of the sources he or she cites, and the readers of academic texts need to be able to distinguish their individual contributions.” (p. 62). A transparência que deve ressaltar das fontes usadas para que se processe a sua acertada validação pelo leitor, o não recurso a fontes secundárias, a familiarização com diferentes publicações académicas (revistas, monografias, antologias), a Internet como fonte de informação, a acuidade com que se extraem as ideias dos autores usando os verbos adequados, a distinção entre paráfrase, resumo e citação *verbatim* são ingredientes apontados neste capítulo que concorrem para o conhecimento processual indispensável a quem escreve textos académicos.

O capítulo 5, “How can teachers support student learning about source use?” (pp. 75-93), é de índole mais prática e mostra o papel que deve ter o professor quando está em causa o ensino do uso das fontes na linha do que nos foi exposto no capítulo 4.

O capítulo 6, “What support can institutions offer?” (pp. 94-102), coloca-nos perante o que devem fazer as instituições em caso do plágio prototípico e nota o que representa de trabalho para os professores um processo desta ordem. No que concerne ao “patchwriting”, recomenda Diane Pecorari um ensino que conduza ao uso rigoroso das fontes consultadas dado que a massificação do ensino também trouxe com ela novas gerações, inclusive de estudantes que não possuem como língua materna a língua usada na academia, com outras necessidades de ensino.

A “Part Three: Contextualising plagiarism” (pp. 103-156) subdivide-se em quatro capítulos (7 a 10). No capítulo 7, “International students and second-language writers” (pp. 105-117), o plágio é analisado numa população que começa a ser comum nas nossas universidades. Conclui-se, da leitura deste capítulo, que o plágio ocorre quando há intenção por parte de quem o pratica, independentemente da sua proveniência, e que o “patchwriting” se verifica quando não existe um uso apropriado das fontes e um domínio aceitável da língua recomendada pela comunidade académica. Por outro lado, a cultura pode ser uma possível razão para a origem da cópia; no entanto, não deve ser generalizada sem a precaução devida. A seguinte frase de Diane Pecorari revela sobremaneira a sua experiência como docente e o que se passa nas circunstâncias: “In short, international students need nothing which home students do not; they simply need more of it, and tailored to their ability level, which may not be that of first-language speakers.” (p. 116).

O capítulo 8, “Differences across academic subjects” (pp. 118-132), chama a atenção do leitor para as diferenças entre disciplinas em matéria de referência às fontes (citações integrais, não integrais e diretas) e o que isso pode significar quando estamos perante políticas universitárias sobre o plágio.

O capítulo 9, “Diversity and change” (pp. 133-141), reporta a variedade de perfis dos estudantes e os hábitos dos “Millenials”, a geração que entrou na universidade no início do milénio e que usa no geral a Internet como fonte de informação. Encontram-se de novo em debate a autoria, a atribuição, o uso de fontes e, em última hipótese, o plágio.

O capítulo 10, “Plagiarism in a broader context” (pp. 142-156), é o capítulo que encerra a obra e nele é abordado o plágio em contextos não

ligados à escrita académica. A primeira secção deste capítulo, intitulada “Practicing what we preach?”, não pode ser mais elucidativa. Na verdade, será que quem sanciona por plágio nunca o comete? Que se passa noutras profissões? Como fazer com matérias que achamos ser do conhecimento geral? A concluir, nada melhor do que transcrever as últimas linhas deste capítulo que mais não fazem do que retomar ideias fulcrais de *Teaching to Avoid Plagiarism. How to Promote Good Source Use*:

An approach which understands plagiarism as a particular relationship between the writer, the reader, the new text and its sources, treats learning about that relationship as a developmental process, and emphasises teaching good skills over punishing poor performance will be much more realistic, and will have better chances of success (p. 155).

Diante de uma obra que analisa o plágio prototípico e o “patchwriting”, na qualidade de modalidades diversas, na sua natureza, do plágio textual, de uma maneira mais pedagógica do que punitiva por meio de ensinamentos tão prementes a respeito do uso de fontes de toda a ordem com vista a evitá-los, é legítimo louvar o que ela representa de trabalho e conhecimento por parte da sua autora: a investigadora e docente Diane Pecorari. Tal como focado por Kostka (2014), teriam sido apreciados um aprofundamento do que se espera do ensino da escrita à geração Y, os “Millennials”, tão dependente das fontes obtidas na Internet, bem como uma nota mais completa acerca do que se passa no ensino da escrita a estudantes internacionais que têm de escrever numa língua que não é a sua língua primeira. Como serão os “patchwritings” destes estudantes e como atuar para os corrigir tendo em conta cenários distintos dos tradicionais?

Aconselha-se vivamente a leitura de *Teaching to Avoid Plagiarism. How to Promote Good Source Use* a universitários, docentes ou investigadores, a estudantes e a todos os profissionais que estejam direta ou indiretamente ligados ao fenómeno do plágio, porquanto este livro encerra, em especial, um recado a reter: mais vale prevenir o plágio textual ensinando a aprender a escrever do que punir após a sua deteção, na esperança naturalmente de os meios utilizados para a identificação do plágio não conduzirem a falsos positivos.

## REFERÊNCIAS

- Chandrasoma, Ranamukalage; Thompson, Celia & Pennycook, Alastair. 2004. Beyond plagiarism: Transgressive and nontransgressive intertextuality. *Journal of Language, Identity, and Education*. 3 (3): 171-193.
- Howard, Rebecca Moore 1995. Plagiarisms, authorships, and the academic death penalty. *College English*. 57 (7): 788-806.
- Kostka, Ilka. 2014. Book Review. Teaching to avoid plagiarism. How to promote good source use. Open University Press, Berkshire, England, (2013). *Journal of Second Language Writing*. 24: 108-110.
- Pecorari, Diane. 2003. Good and original: Plagiarism and patchwriting in academic second-language writing. *Journal of Second Language Writing*. 12: 317-345.
- Pecorari, Diane. 2006. Visible and occluded citation features in postgraduate second-language writing. *English for Specific Purposes*. 25: 4-29.
- Pecorari, Diane. 2008. *Academic writing and plagiarism: A linguistic analysis*. London: Continuum.
- Pennycook, Alastair. 1996. Borrowing others' words: text, ownership, memory and plagiarism. *TESOL Quarterly*. 30 (2): 201-230.
- Skelton, John 1997. The representation of truth in academic medical writing. *Applied Linguistics*. 18 (2): 121-140.